

Escolas de Campo para Agricultores



Ajuda Humanitária
e Protecção Civil



Escolas de Campo para Agricultores: Práticas Fundamentais para Implementadores de RRC

As designações empregadas e a apresentação do material neste produto de informação não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) sobre a situação jurídica ou estágio de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade ou área ou de suas autoridades, ou sobre a delimitação de suas fronteiras. A menção de companhias específicas ou produtos de fabricantes, patenteados ou não, não implica que sejam endossados ou recomendados pela FAO em preferência a outros de natureza similar não mencionados.

As opiniões aqui expressadas são dos autores e não representam necessariamente as opiniões ou políticas da FAO.

ISBN 978-92-5-008328-5 (impresso)

E-ISBN 978-92-5-008329-2 (PDF)

© FAO, 2014

A FAO incentiva o uso, reprodução e divulgação do material contido neste produto de informação. Salvo indicação em contrário, o material pode ser copiado, baixado e impresso para estudo, pesquisa e ensino, ou para uso em produtos e serviços não comerciais, desde que se indique a FAO como fonte e detentora dos direitos autorais e não implique o endosso pela FAO das opiniões, produtos ou serviços dos usuários. Todos os pedidos de tradução e direitos de adaptação, bem como revenda e outros direitos de uso comercial, devem ser feitos através de www.fao.org/contact-us/licence-request ou endereçados a copyright@fao.org.

Os produtos de informação da FAO estão disponíveis no site www.fao.org/publications e podem ser adquiridos através de publications-sales@fao.org.

Autores	Godrick Simiyu Khisa, James Okoth e Erin O'Brien
Coordenadores da série	Javier Sanz Alvarez e Erin O'Brien
Fotos	© FAO/Javier Sanz Alvarez exceto capa, que é © FAO/Raul Tomas Granizo e página 6 (esquerda) que é © Mario Samaja
Desenho e composição	Handmade Communications, design@handmadecom.co.za
Tradutor	Bangula Lingo Centre, info@blc.co.za

Escolas de Campo para Agricultores



Este documento faz parte da série, *Um Guia de Campo para a Redução do Risco de Calamidades na África Austral: Práticas Fundamentais para Implementadores de RRC*, coordenada pelo Escritório Sub-regional da FAO para a Redução/Gestão de Risco de Calamidades para a África Austral. Esta série foi produzida com contribuições por parte da COOPI, FAO, OCHA e UNHABITAT, e é constituída pelos seguintes documentos técnicos:

- Técnicas de Irrigação para Agricultores de Pequena Escala (FAO)
- Escolas de Campo para Agricultores (FAO)
- Gestão da Diversidade de Culturas (FAO)
- Variedades de Sementes Apropriadas para Pequenos Agricultores (FAO)
- Sistemas Apropriados de Armazenamento de Sementes e Cereais para Pequenos Agricultores (FAO)
- Hospitais Seguros (COOPI)
- Tecnologia Móvel para a Saúde (COOPI)
- Sistemas de Gestão de Informação e Conhecimento (COOPI)
- Arquitectura para a Redução de Risco de Calamidades (UN-Habitat)
- Redução de Risco de Calamidades para a Segurança Alimentar e Nutricional (FAO)
- Sistema de Alerta Prévio de Base Comunitária (OCHA e FAO)

Este documento refere-se a actividades de auxílio humanitário implementadas com a assistência financeira da União Europeia. As opiniões expressas neste documento não devem ser consideradas, de qualquer modo, como reflectindo a opinião oficial da União Europeia, e a Comissão Europeia não é responsável por qualquer uso que possa ser feito quanto à informação nele contida.



Ajuda Humanitária
e Protecção Civil

A Ajuda Humanitária e Protecção Civil da Comissão Europeia financia operações de auxílio a vítimas de calamidades naturais e conflitos fora da União Europeia. O auxílio é direccionado imparcialmente, directamente para as pessoas que dele necessitam, independentemente da sua raça, grupo étnico, religião, género, idade, nacionalidade ou afiliação política.

Prefácio do ECHO

A região da África Austral e Oceano Índico é extremamente vulnerável no que respeita a ciclones, cheias, secas e tempestades tropicais. Estes choques recorrentes relacionados com o clima afectam negativamente os meios de subsistência e economias altamente sensíveis da região e desgastam a capacidade de recuperação total por parte das comunidades, o que, por sua vez, aumenta ainda mais a fragilidade e vulnerabilidade face a calamidades subsequentes. A natureza e tipo de desastres climáticos estão a mudar e a tornar-se mais imprevisíveis, aumentando em frequência, intensidade e magnitude em consequência da mudança climática. A vulnerabilidade na região é ainda agravada por factores socioeconómicos negativos prevaletentes tais como a elevada taxa de VIH, a pobreza extrema, a insegurança crescente e o crescimento e tendências demográficos (incluindo a migração intra-regional e a crescente urbanização).

A Ajuda humanitária e Protecção civil da Comissão Europeia (ECHO) tem estado envolvido activamente na região, desde 2009, através do programa ECHO de Prontidão para Calamidades (DIPECHO), apoiando intervenções multisectoriais para redução do risco de calamidades nas áreas de segurança alimentar e agricultura, infra-estrutura e arquitectura adaptada, informação e gestão de conhecimentos, água, saneamento e higiene e saúde. Este programa opera segundo dois objectivos a saber:

- Preparação face a Emergências através do desenvolvimento de capacidades a nível local para gestão e estado de preparação sustentáveis, no que respeita a perigos relativos a condições atmosféricas, incluindo planos de preparação sazonais, formação,

stocks e equipamento para socorro de emergência, bem como Sistemas de Alerta Prévio.

- Habilitação das comunidades através de abordagens multisectoriais e a vários níveis, com a integração de RRC como componente central e maior segurança alimentar e nutricional como resultado.

Isto é feito em alinhamento com estratégias e quadros nacionais e regionais.

Para o DIPECHO, uma das principais medidas de sucesso é a replicabilidade. Para este efeito, o apoio técnico através de directivas estabelecidas para os implementadores de RRC constitui um resultado bem-vindo das intervenções do DIPECHO na região. O ECHO tem apoiado parceiros regionais, nomeadamente, COOPI, FAO, UN-Habitat e UN-OCHA, para melhoramento da resiliência das populações vulneráveis na África Austral através da provisão de financiamento para o teste no terreno e estabelecimento de boas práticas, e para o desenvolvimento de um *toolkit* para a sua aplicação na África Austral. A intenção do Escritório para os Assuntos Humanitários da Comissão Europeia e dos seus parceiros é de concretizar os dois objectivos de forma sustentável e eficiente, através das práticas contidas no actual *Toolkit* a fim de assegurar uma maior resiliência das populações mais vulneráveis na região.

Cees Wittebrood

Chefe da Unidade para a África Oriental, Ocidental e Austral
Directorado Geral para Ajuda Humanitária e Protecção Civil (ECHO)
Comissão Europeia



Prefácio

da FAO

A região da África Austral é vulnerável a grande diversidade de perigos, em grande parte associados a causas ambientais (como secas, ciclones, cheias) e também a doenças humanas e animais, pragas, choques de natureza económica e, em algumas áreas, agitação e insegurança sociopolítica, entre outros. O perfil de risco da região está em evolução com o aparecimento de novos factores de proeminência crescente, incluindo elevadas taxas de crescimento populacional e uma tendência para maior urbanização, migração e mobilidade, para além de outros factores. As ameaças naturais continuarão a ser progressivamente mais influenciadas pelas tendências relativas à mudança climática. As calamidades na região são muitas vezes compósitas e recorrentes, causando impactos dramáticos sobre os meios de subsistência e sobre a economia e meio ambiente dos países da África Austral, muitas vezes prejudicando o crescimento e as conquistas arduamente conseguidas em termos de desenvolvimento.

O aumento da Resiliência dos meios de Subsistência a Ameaças e Crises constitui um dos objectivos estratégicos da estratégia empresarial da FAO (Objectivo Estratégico 5, ou SOS). A FAO pretende especificamente aumentar a resiliência no que respeita à agricultura e à segurança alimentar e nutricional, sectores que são dos mais gravemente afectados por ameaças naturais. O impacto de choques e calamidades pode ser mitigado e a recuperação em grande parte facilitada com o estabelecimento de práticas agrícolas adequadas. Assim, o melhoramento da capacidade das comunidades, autoridades

locais e outros intervenientes é fundamental para o desenvolvimento de resiliência

A FAO, em conjunto com outros parceiros, está a realizar trabalho intensivo na África Austral no sentido de consolidar a resiliência de comunidades sujeitas a choques o que está a desenvolver uma melhor base de conhecimentos e a documentar boas práticas. Este *toolkit* (conjunto de ferramentas) pretende disseminar melhores métodos e tecnologias relativos a aspectos fundamentais da agricultura, tais como variedades apropriadas de sementes, irrigação, sistemas de armazenamento, utilização da terra e da água e Escolas de Campo para Agricultores, na esperança de que estes possam ser úteis para diferentes intervenientes, no que respeita aos seus esforços para melhoramento da sua resiliência. Uma abordagem multisectorial e parcerias sólidas são consideradas fundamentais para o êxito do trabalho no sentido da criação de resiliência. Por este motivo, este *toolkit* inclui igualmente aspectos de boas práticas de resiliência não especificamente agrícolas contribuídos por parceiros da FAO (UN-OCHA, UN-HABITAT e COOPI), os quais certamente enriquecem esta colecção.

David Phiri

Coordenador Sub-regional
Escritório Sub-regional da FAO
para a África Austral
Harare

Mario Samaja

Coordenador Sênior
Escritório Sub-regional da FAO
para RRC na África Austral
Joanesburgo

Índice

Acrónimos e Abreviaturas	05
Prefácio	06
1. Introdução: Desenvolvimento da Resiliência Através da Abordagem de FFS	07
2. Perspectiva Geral da Abordagem das FFS	09
3. Considerações para a Implementação de uma FFS	18
4. Experiências de FFS	28
5. Conclusão	32
6. Bibliografia e Referências para Leitura Adicional	33
Anexo	34

Acrónimos e Abreviaturas

AESAanálise do ecossistema agrário
APFSescolas de campo agro-pastorais
CAagricultura de conservação
CAPplano de acção/adaptação comunitário
CMDRRredução do risco de calamidades gerido pela comunidade
CRSserviços de assistência católicos
G/RRCgestão/redução do risco de calamidades
FAOorganização das nações unidas para a agricultura e alimentação
FFFSescolas de campo para silvicultura
FFLSescola de campo e para a vida de agricultores
FFSescola de campo para agricultores
ICRISATInstituto Internacional para Pesquisa sobre Culturas nos Trópicos Semiáridos
IPMgestão integrada de pragas
IPPMgestão integrada de produção e pragas
JFFLSescola júnior de campo e para a vida de agricultores
LRRDligando assistência, reabilitação e desenvolvimento
M&Amonitoramento e avaliação
MTinstrutor mestre (<i>master trainer</i>)
ONGorganização não-governamental
PDRAavaliação participativa do risco de calamidades
PESAanálise pastoral do ecossistema
PM&Emonitoramento e avaliação participativa
SFSescolas para agricultores produtores de sementes
SPFSPrograma Especial para Segurança Alimentar
ToFformação de facilitadores (<i>training of trainer</i>)
UNDPPrograma das Nações Unidas para o Desenvolvimento
VICOPABanco Comunitário de Aldeia

Prefácio

As ameaças naturais passaram a ser mais frequentes e intensas em décadas recentes, aumentando os impactos frequentemente negativos sobre o Produto Interno Bruto (PIB) e prejudicando os esforços e melhoramentos já implementados para o desenvolvimento dos países da África Austral. As previsões são negativas em resultado da mudança climática, com maior frequência ligada a condições atmosféricas mais frequentes e intensas que se prevê venham a ter um impacto dramático nas economias e no meio ambiente destes países.

Os países da África Austral enfrentam muitos riscos associados a desastres naturais, sobretudo ciclones, secas e cheias, devido aos elevados níveis de exposição e vulnerabilidade de importantes segmentos da população, nomeadamente pequenos agricultores que dependem da agricultura e criação de gado para a sua própria subsistência.

Para aumentar a resiliência e meios de subsistência de pequenos agricultores, as Escolas de Campo para Agricultores (FFS) representam um importante passo em frente na educação e extensão agrícola. Os sistemas tradicionais de transferência de tecnologia do topo para a base têm um papel em alguns aspectos do desenvolvimento da agricultura, mas o desenvolvimento da capacidade humana necessário para a criação de agricultores comerciais e organizações de agricultores independentes exigem novas abordagens. As Escolas de Campo para Agricultores ainda proporcionam competências e práticas organizacionais, competências e práticas analíticas e capacidades básicas grupais tais como a confiança e determinação necessárias para actividades conjuntas.

Este documento técnico contém uma perspectiva geral sobre a abordagem de FFS, considerações relativas à implementação de FFS e experiências das FFS em África e na região da África Austral.



1. Introdução: Desenvolvimento da Resiliência Através da Abordagem de FFS

O desenvolvimento da resiliência de comunidades vulneráveis quanto a ameaças e desastres num mundo em rápida mudança exige abordagens transformativas que possam evoluir organicamente para se adaptarem às necessidades dinâmicas e únicas de diferentes sistemas de subsistência. Todavia, a maior parte dos mecanismos para prestação de serviços na agricultura estão desenvolvidos em torno de modelos de extensão convencionais assentes em comunicações em um sentido baseadas em recomendações gerais.

A abordagem da Escola de Campo para Agricultores (FFS) proporciona uma plataforma flexível e sensível para ir ao encontro das necessidades dos agricultores e criadores de gado em contextos variados.

Com a passagem dos anos, a abordagem de FFS tem sido adaptada em muitos países para se adequar aos sistemas complexos e diversos de pequenos agricultores. Em África, em grande parte, isto inclui a adaptação a uma maior variabilidade climática, à ocorrência mais frequente de secas e outros desastres naturais. A abordagem tem sido aplicada em África entre agricultores, indivíduos dedicados à agropecuária e à pecuária bem como entre comunidades de indivíduos deslocados internamente e de refugiados.

Os programas de FFS adotam um modelo holístico de meios de subsistência, assegurando que – para além da produção agrícola – sejam incluídas como componentes nucleares do processo de aprendizagem competências empresariais, de marketing e de poupança. No quadro da



Os objectivos comuns das intervenções das FFS incluem: i) melhoramento da produtividade para segurança alimentar e redução da pobreza rural; ii) desenvolver a resiliência entre comunidades que enfrentam desastres recorrentes como secas, cheias e pragas e doenças de animais e plantas transfronteiras; e iii) melhorar a actuação e determinação individual e colectiva para o melhoramento dos meios de subsistência.

redução do risco de calamidades (RRC), o programa de FFS desenvolveu actividades a dois níveis – grupos e comunidades. As actividades a nível de grupos envolvem sobretudo a aprendizagem ao longo do ciclo (ou seja, de semente a semente, na agricultura, ou de ovo a ovo, na criação de aves domésticas), orientada por um currículo, validação e estudos comparativos. Junto com estas actividades existem actividades para diversificação de meios de subsistência direccionadas à empoderar aos agregados familiares para desenvolverem a sua resiliência.

As actividades no seio da comunidade são complementares e vão além do âmbito das FFS. Estas actividades contribuem para um

sistema de apoio à resiliência comunitária e podem incluir actividades como reabilitação de terras de cultivo, revitalização do sistema local para sementes, gestão de recursos hídricos, saúde animal a nível da comunidade, sistemas de alerta prévio, sistemas de informação sobre o mercado a nível comunitário, gestão e acordos de partilha de recursos e mecanismos para gestão de litígios. A implementação de ambos os níveis tem que ser feita em consulta e colaboração com os governos locais, com o sistema nacional de pesquisa agrícola, com o sector privado e a sociedade civil.



2. Perspectiva Geral da Abordagem das FFS

História e evolução da abordagem

A abordagem das FFS foi desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) no Sudeste Asiático, em 1989, como uma maneira para os pequenos produtores de arroz investigarem e aprenderem as competências necessárias para adoptarem, para si próprios, práticas para a gestão integrada de pragas (IPM) nos seus campos de arroz. A abordagem provou ser muito bem-sucedida para ajudar a controlar pragas do arroz e foi rapidamente alargada a outros países na Ásia e, posteriormente, em África, no Médio Oriente e na América Latina. Em África, a abordagem das FFS foi introduzida em 1995 no Quênia (África Oriental) e no Ghana (África Ocidental) no âmbito do Programa Especial para Segurança Alimentar (SPFS), tendo posteriormente alastrado rapidamente a todo o continente. Durante esta expansão, os programas das FFS começaram a alargar o seu âmbito para além de IPM para abrangerem outros tipos

de produção agrícola e incorporarem aspectos socioecológicos como a pecuária, silvicultura comunitária, VIH e SIDA, conservação de água, gestão da fertilidade do solo, irrigação, segurança alimentar e nutrição. Ao longo dos anos foram implementados milhares de grupos de FFS e a abordagem adoptada por grande número de intervenientes no desenvolvimento e governos.

Aplicações em contextos de pós-calamidades ou de elevada vulnerabilidade têm progressivamente interligado o desenvolvimento agrícola e humano, como em Escolas de Campo e Vida para Agricultores (FFLS), com o objectivo de abordar ameaças subjacentes que afectam a produtividade dos meios de subsistência tais como, por exemplo, o VIH e SIDA, conflitos, desigualdade entre géneros e violência com base no género. As Escolas de Campo e Vida para Jovens Agricultores (JFFLS) – amplamente aplicadas em, por exemplo, Moçambique, constituem uma adaptação adicional dirigida a órfãos e crianças e jovens vulneráveis.

FFS são essencialmente escolas sem paredes que introduzem inovações tecnológicas à medida que desenvolvem os conhecimentos indígenas. Através de técnicas de aprendizagem empírica aplicadas em ambientes de grupos, com reuniões regulares durante períodos de tempo prolongados, os agricultores aprendem a analisar a sua situação e a tomar decisões informadas sobre as suas práticas para subsistência e estratégias para utilização de recursos.

O que são FFS?

As Escolas de Campo para Agricultores assentam numa abordagem de educação informal para adultos – o campo é a sala de aulas e a aprendizagem tem lugar através de aprender fazendo, experimentação, observação e reflexão. Operacionalmente, as FFS estão organizadas em torno de uma série de reuniões semanais ou bissemanais, durante a estação agrícola, dedicadas a biologia, questões agronómicas e de gestão, nas quais os agricultores efectuem análise agrícola e de ecossistemas, identificam problemas e, depois, concebem, efectuem e interpretam experiências no terreno utilizando as suas práticas agrícolas para comparação com práticas agrícolas melhoradas. Isto reduz os riscos envolvidos em auto-experimentação e habilita as pessoas que não tiveram acesso a educação formal. Para além disto, as FFS incluem ainda um enfoque significativo no desenvolvimento de capacidade

individual e de grupo (p. ex., desenvolvimento de vantagens sociais e humanas).

Uma FFS envolve normalmente um grupo de entre 20 e 30 agricultores (incluindo idosos, homens, mulheres e jovens) que se reúnem com regularidade (semanal ou bissemanalmente, dependendo das necessidades específicas do grupo) ao longo de um determinado período de tempo para estudarem o “como e porquê” de uma situação num determinado contexto, sob a orientação de um facilitador treinado.

Para além de assuntos técnicos, o processo de aprendizagem inclui ainda exercícios e sessões de dinâmica de grupo abordando o “tópico do dia” relativo a assuntos não agrícolas. Meios de comunicação populares, incluindo canções e histórias, são utilizados com frequência para assimilação de conhecimentos e disseminação de informação sobre questões de ordem técnica e social. Instrumentos como ilustrações, demonstrações práticas e exposições da vida real, são também



utilizados como ajuda à aprendizagem adaptados para membros do grupo que sejam analfabetos. Ao contrário de várias outras abordagens de extensão, a FFS dedica-se mais ao desenvolvimento de pessoas do que ao desenvolvimento de tecnologias.

Justificação de FFS

O desenvolvimento de capacidades de comunidades rurais tem sido considerado tradicionalmente por instituições de pesquisa e extensão como mecanismo para transferência de tecnologias para utilizadores de terra e recursos. Contudo, esta abordagem provou ser inadequada em situações complexas em que os membros da comunidade têm que ajustar com frequência as suas práticas a condições em mudança. Pacotes de tecnologia proporcionados “de cima para baixo” são com frequência demasiado complexos, dispendiosos ou insuficientemente adaptados às necessidades das pessoas.

Em contraste com a maior parte das abordagens de extensão convencionais, a abordagem da FFS fortalece a capacidade das comunidades locais para analisarem os seus sistemas de subsistência, identificarem os seus principais constrangimentos e testarem possíveis soluções. Ao reunirem os seus próprios conhecimentos tradicionais com informação proveniente do exterior, os agricultores podem eventualmente identificar e adoptar as práticas e tecnologias mais adequadas ao seu sistema e necessidades de subsistência para se tornarem mais produtivos, lucrativos e sensíveis a condições em mudança.

A abordagem da FFS habilita os agricultores através do uso de técnicas de aprendizagem experimentais e participativas em vez de lhes ser dito o que têm que fazer. O objectivo da FFS é de melhorar a capacidade para tomada de decisões por parte dos participantes e das suas comunidades e de estimular a inovação a nível local.

Os objectivos específicos das FFS incluem os seguintes:

- Habilitar agricultores com conhecimentos e competências para os tornar especialistas no seu próprio contexto.
- Proporcionar plataformas em que grupos de agricultores e trabalhadores em extensão e pesquisa testem e adaptem conjuntamente opções no contexto de condições específicas locais.
- Facilitar que comunidades de agricultores aprendam novas maneiras de resolver problemas e de se adaptarem a mudanças.
- Melhorar a capacidade dos agricultores para tomarem decisões essenciais e informadas que melhorem os seus mecanismos para sobrevivência.
- Ajudar os agricultores a aprenderem como melhor se organizarem entre si e nas suas comunidades.
- Permitir que os meios de subsistência dos agricultores se tornem mais resilientes e menos vulneráveis a calamidades como secas.

Princípios e características fundamentais da abordagem da FFS

Como a seguir se indica, as principais características e princípios que orientam a prática das FFS são os seguintes:

1. Aprender fazendo: As FFS reconhecem que os agricultores não alteram o seu comportamento ou práticas com base apenas em informações sobre o que mudar e como fazê-lo; alternativamente, a abordagem das FFS permite que os agricultores aprendam através de testes às mudanças propostas em um ambiente controlado de trabalho em grupo. A aprendizagem com base em descobertas é parte essencial das FFS pois ajuda os participantes a desenvolverem um sentido de apropriação e adquirirão confiança quanto à sua capacidade para reproduzirem as actividades e resultados por si próprios.

2. O campo é o local de aprendizagem: O campo, a manada ou a paisagem são os locais de aprendizagem em torno dos quais todas as actividades da FFS são organizadas. Os agricultores aprendem directamente a partir daquilo que observam, colhem e vivem no ambiente que os rodeia. Os participantes produzem igualmente os seus próprios materiais para aprendizagem. (desenhos, etc.) com base nas suas observações e experiências. As vantagens destes materiais de aprendizagem produzidos localmente são de serem consistentes com as condições locais, serem de baixo custo e serem propriedade das próprias pessoas que aprendem.

3. Estudo liderado pelo estudante: Os agricultores decidem o que é relevante para eles e o que pretendem que a FFS inclua no currículo. Isto assegura que a informação é relevante e adaptada às necessidades reais dos participantes. O facilitador apenas orienta o processo de aprendizagem criando oportunidades para os participantes se envolverem em novas experiências. Isto assegura a relevância da informação e a sua adaptação às necessidades reais dos participantes.

4. A formação acompanha o ciclo natural do objecto do estudo: Nas FFS, a formação é baseada no ciclo natural do tópico do estudo, isto é, 'desde a selecção da semente até à colheita'. Isto permite que os agricultores discutam e observem aspectos no terreno em paralelo com o que acontece nas suas próprias terras, p. ex., a aprendizagem sobre a monda tem lugar na altura em que tem que ser feita, etc.

5. Aprender a partir dos erros: A mudança de comportamento exige tempo e paciência. A aprendizagem é um processo evolutivo caracterizado por uma comunicação, confrontação, aceitação, respeito e pelo direito de cometer erros de forma livre e aberta. Isto é crucial pois mais se aprende com frequência a partir de erros do que em resultado de sucessos. A experiência de cada um sobre a realidade é única.

6. O objectivo é criar competências e não fornecer informação: Na FFS o foco é o desenvolvimento de proficiências e competências em vez da assimilação de informação sobre opções de novas tecnologias. O foco é a compreensão da ciência básica relativa aos vários aspectos do ecossistema agrário para que os agricultores possam realizar o seu próprio processo de inovação, isto é, compreenderem o 'porquê' por trás do 'como'.



7. **Aprendizagem baseada na descoberta:** Tanto quanto possível, a informação é obtida a partir de exercícios com base em descobertas. Por exemplo, a abertura de covas no solo para analisar os diferentes tipos e camadas de solo, criar carraças para se compreenderem ciclos de vida, etc. A aprendizagem baseada em descobertas é parte essencial da FFS, na medida em que ajuda os participantes a desenvolverem um sentido de apropriação e a adquirirem a confiança para serem capazes de reproduzir as actividades e resultados por si próprios. Os problemas são apresentados como sendo desafios e não como limitações. Os grupos aprendem diferentes métodos analíticos que os ajudam a desenvolver a capacidade para identificarem e resolverem qualquer problema que possam encontrar na sua vida quotidiana.

8. **Aprender através da experiência:** O pressuposto básico é que a aprendizagem assenta sempre em experiências anteriores, as quais são únicas para cada pessoa, e que qualquer tentativa no sentido de promover a aquisição de novos conhecimentos tem que, de certo modo, ter em conta a experiência. Portanto, a partilha de conhecimentos e a discussão entre os seus membros são elementos fundamentais de uma FFS.

9. **Ensaio e experimentação em grupos:** Inovação e experimentação são componentes vitais do processo da FFS e oferecem oportunidades para aprendizagem e desenvolvimento de capacidade entre os agricultores para adaptarem e melhorarem continuamente a forma como gerem os seus recursos. A experimentação na FFS atribui menos ênfase à geração de resultados de pesquisa relativa à tecnologia

e maior ênfase ao processo de experimentação e análise. Ensaios geridos a nível de grupos sejam eles relativos a culturas agrícolas ou a criação de animais, constituem o núcleo da aprendizagem em FFS dado que é o local dos ensaios que normalmente passa a ser o local de encontro e espaço de aprendizagem para o grupo. Experiências típicas em FFS podem ser o teste e comparação de novas variedades de culturas agrícolas, opções para melhor gestão do solo, rações e instalações para aves, etc. Na experimentação é normalmente incluído na concepção um tratamento de controlo cujo objectivo é de proporcionar um padrão em relação ao qual várias opções alternativas (novas) podem ser comparadas. Com frequência, o tratamento de controlo é a prática dos agricultores. Isto permite que os agricultores comparem directamente as novas opções com a sua própria prática.

10. Facilitação e não ensino: Facilitadores treinados (normalmente o governo, trabalhadores de extensor de ONG ou membros da comunidade) orientam o processo de aprendizagem através de orientação e apoio aos participantes para que assumam a responsabilidade pela sua própria aprendizagem através do uso de instrumentos para avaliação participativa, entre outros. Durante as discussões, o facilitador contribui e facilita o estabelecimento de consenso quanto às acções que têm que ser implementadas. Um ou dois facilitadores são destacados para um grupo FFS durante todo o ciclo de aprendizagem da FFS e estarão presentes às reuniões programadas da FFS. Os facilitadores são treinados em cursos formais para Formação de Facilitadores (ToF) desenvolvidos e realizados por Formadores Mestres de FFS experientes, antes do início de uma FFS. Em caso de necessidade são ocasionalmente convidados

pesquisadores, especialistas nos assuntos e competências externas para proporcionarem apoio técnico a grupos de FFS.

11. Cada FFS é única: Os tópicos de aprendizagem na FFS deviam ser escolhidos pela comunidade e membros do grupo. As actividades de formação têm que ser baseadas nas lacunas existentes nos conhecimentos e competências da comunidade e deviam também ter em consideração o nível de compreensão da comunidade. Os grupos são todos diferentes e têm as suas próprias necessidades e realidades. Dado que os participantes definem o seu próprio conteúdo, cada FFS é portanto única.

12. Processo sistemático de formação: Todas as FFS seguem o mesmo processo sistemático de formação em que a base é observar e analisar as actividades experimentais no campo. Cada sessão da FFS inclui pelo menos três actividades: Análise do ecossistema agrário (AESA) – melhor explicado no texto a seguir – um “tópico do dia” e uma “actividade de dinâmica de grupo”. Uma actividade de dinâmica de grupo destina-se à criação de espírito de equipa e à organização de competências para o próprio grupo. O “tópico do dia” normalmente inclui informação técnica para complementar o “aprender fazendo” e “experimentação no terreno” em FFS. O tópico do dia está normalmente relacionado com a agricultura, embora possa ser qualquer outro assunto que preocupe os membros do grupo como nutrição, género, microfinanciamento, etc. Se o facilitador não tiver os conhecimentos específicos, especialistas externos ou outros membros da comunidade podem ser convidados para orientarem as discussões. A totalidade da sessão de aprendizagem da FFS dura normalmente meio-dia (quatro a cinco horas).

Tabela 1: Sessão de aprendizagem típica numa Escola de Campo para Agricultores

Horário de uma sessão normal da aprendizagem numa FFS

Hora	Actividade	Descrição
8.00	Abertura	Normalmente com oração, canção/história, etc. e folha de ponto.
8.10	Recapitulação e informação	Revisão de actividades anteriores, e informação sobre as actividades propostas para o dia
8.20	AESA: observações sobre ensaios no terreno	Observação no terreno e recolha de dados em locais experimentais no subgrupo.
9.00	AESA: Análise e Registo das conclusões	Processamento e análise em grupo das observações no terreno
9.40	AESA Apresentação e discussões	Cada subgrupo apresenta resultados e discute as medidas a tomar.
10.10	Actividade de dinâmica de grupo	
10.20	Tópico do dia	Discussão orientada ou exercício baseado em descoberta sobre um tópico agrícola ou transversal de relevância escolhido pelos agricultores. Por vezes facilitado por um especialista convidado. .
11.20	Análise das actividades do dia	Revisão das actividades e principais lições aprendidas durante o dia.
11.30	Planeamento das actividades da semana seguinte	Planeamento de actividades de acompanhamento a terem lugar for a da sessão da FFS e actividades para a sessão seguinte.
11.40	Avaliação das actividades do dia	Avaliação das actividades do dia usando um instrumento de avaliação
12.00	Closing	Anúncios e encerramento (muitas vezes com oração)

Os agricultores reúnem-se semanalmente (a maior parte das culturas anuais e criação de gado), bissemanalmente (algumas culturas de longo prazo) ou mensalmente (a maior parte das perenes) em programas regulares definidos e acordados pelos membros do grupo. A duração do ciclo da FFS depende da actividade focal. No que respeita a gado o ciclo de um ano ou mais é normalmente necessário para permitir o estudo de todas as variações sazonais.¹

Análise do ecossistema agrário

A base da metodologia da FFS é a análise do ecossistema agrário (AESA) que é uma análise com base no terreno das interações observadas entre as culturas/gado e outros factores bióticos e abióticos que coexistem nas terras de cultura/criação de gado (p. ex., entre o crescimento de plantas/animais e pragas, doenças, ervas daninhas, água, solo e condições atmosféricas). O objectivo da AESA é que os agricultores aprendam a efectuar com regularidade observações no terreno, analisar problemas e oportunidades encontradas no terreno e melhorar as suas competências quanto a tomada de decisões relativas à gestão das terras. O processo é holístico e os agricultores trabalham em subgrupos de 4 ou 5 pessoas sob a orientação de um facilitador treinado a fim de melhorar o processo participativo de aprendizagem. Normalmente, este exercício decorre durante duas ou três horas e tem lugar durante toda a época ou ciclo de aprendizagem para que os problemas e decisões em estudo se sobreponham a questões semelhantes nas próprias terras dos participantes, aumentando assim a motivação para a aprendizagem.

¹ FFS adaptadas para o desenvolvimento de resiliência ou adaptação a mudanças climáticas duram entre 18 e 24 meses.

A ESA é um processo em quatro estágios como se descreve em seguida:

Estágio 1: Observações no terreno – em subgrupos, os agricultores fazem observações no terreno baseadas numa variedade de indicadores de monitoramento. A ênfase é na observação de interações entre vários factores do ecossistema agrário.

Estágio 2: Análise e registo de conclusões – cada subgrupo estrutura, reflecte, regista e analisa as suas conclusões no terreno, incluindo desenhos da situação no terreno e elabora decisões e recomendações.

Estágio 3: Apresentação de comentários – em plenário, cada subgrupo apresenta os seus resultados e conclusões. Comentários e perguntas por parte dos outros grupos exigem que o grupo defenda as suas decisões com argumentos lógicos.

Estágio 4: Discussão das medidas a tomar – em sessão plenária, os participantes resumem as apresentações e colectivamente acordam e decidem quais as acções a implementar com base nas decisões que tomaram.

Fonte: Modificado da FAO e FFS-PS, 2013. *Escolas de Campo Pastoris Manual para Formação de Facilitadores*.

Principais passos para Implementação de FFS

A implementação de FFS é realizada em três fases: fase preparatória, fase de implementação e fase pós graduação. Cada fase tem um conjunto de passos e actividades associados. Os passos para implementação podem ser descritos como a fundação da FFS.

As actividades da fase preparatória incluem um inquérito sobre pré-requisitos, a selecção e formação de facilitadores, o trabalho no terreno e a constituição de grupos da FFS. Este período envolve a formação e organização do grupo, a identificação de problemas, a selecção da

actividade/empreendimento de aprendizagem e o estabelecimento de experiências agrícolas, processo que demora entre um e três meses. A fase de implementação envolve os ciclos/sessões regulares de aprendizagem, incluindo dias no campo, visitas de intercâmbio e graduação. Este período decorre durante 3 a 18 meses, dependendo da actividade/empreendimento da aprendizagem. As actividades pós-graduação envolvem actividades de acompanhamento, redes de contactos, geração de rendimento e estabelecimento da segunda geração de FFS.

Os passos principais para implementação de uma FFS encontram-se resumidos em seguida.

Para implementação de FFS

<div> <div>FASE 1</div> <div>FFS Preparação PASSOS</div> </div>	<div> <div>FASES 2</div> <div>FFS Implementação PASSOS</div> </div>	<div> <div>FASES 3</div> <div>FFS Pós-Graduação PASSOS</div> </div>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Inquérito sobre pré-requisitos 2. Identificação e treino de facilitadores 3. Trabalho geral de campo <ul style="list-style-type: none"> ▼ Estabelecer contacto com a comunidade ▼ Reunião de divulgação para introduzir o conceito de FFS ▼ Identificação e selecção de participantes ▼ Identificação da actividade focal (FFS-emprego de aprendizagem) ▼ Identificação do local para aprendizagem 4. Estabelecimento da FFS <ul style="list-style-type: none"> ▼ Introdução participativa dos participantes ▼ Nivelamento de expectativas ▼ Identificação da equipa acolhedora ▼ Planeamento participativo das actividades da FFS (a) Estabelecimento do grupo FFS (b) Análise e categorização dos problemas (c) Identificação de possíveis soluções (d) Desenvolver o programa de aprendizagem (e) Desenvolver um orçamento detalhado (f) Submeter uma proposta para doação (g) Plano de PM&E 	<ol style="list-style-type: none"> 5. Sessões regulares da FFS com actividades nucleares <ul style="list-style-type: none"> ▼ Experimentação Comparativa ▼ AESA ▼ Tópico do dia ▼ Dinâmica de grupo ▼ PM&E 6. Dias de campo 7. Visitas de intercâmbio 8. Graduação 	<ol style="list-style-type: none"> 9. Acompanhamento das actividades da FFS 10. Estabelecimento de redes de FFS 11. Actividades para geração de rendimento 12. Criação de 2ª geração de FFS

3. Considerações para a Implementação de uma FFS

Estabelecimento das fundações para intervenções de FFS

Internalização da participação e apropriação local da prestação de serviços

A FFS é uma abordagem participativa na qual os instrutores estabelecem a sua própria agenda e currículo de aprendizagem, com frequência incluindo fortes elementos de outros sectores.

A experiência na África Austral demonstrou também que intervenções de FFS produzem com frequência efeitos colaterais ou imprevistos, quando é permitido aos participantes liderar e orientar o seu próprio processo de desenvolvimento. Este é largamente positivo embora coloque grandes exigências na internalização de uma abordagem aberta e flexível à gestão do programa, o que permite o ajustamento frequente e contínuo de actividades planeadas a fim de acomodar necessidades e exigências emergentes por parte dos beneficiários do projecto e programa.



Devia ser internalizado a todos os níveis de gestão das organizações que apoiam FFS um espírito de participação e responsabilidade perante os participantes a nível do terreno. Isto é para assegurar que os progressos no desenvolvimento genérico e orgânico a nível local não entrem em conflito com estruturas de programas rígidas, quadros lógicos inflexíveis e estruturas hierárquicas de gestão. Por este motivo recomenda-se que o treino e formulação em FFS a nível do terreno sejam combinados com actividades para desenvolvimento de capacidade e divulgação junto do pessoal de nível superior e de gestão, para além do apoio dado aos participantes na FFS.

Ligação entre auxílio, reabilitação e desenvolvimento

Em redução/gestão de riscos de calamidades (R/GRC), emergências são vulgarmente descritas como um continuum e, portanto, como um processo em curso de acções inter-relacionadas que têm início antes, durante ou após situações de calamidades. As acções para R/GRC são destinadas a fortalecer as capacidades e resiliência dos agregados familiares e comunidades para proteger as suas vidas e meios de subsistência, através de medidas para evitar (prevenção) ou limitar (mitigação) os efeitos adversos de ameaças e para proporcionar previsões de perigos atempadamente e de confiança.

Durante a resposta a emergências, as comunidades e agências de auxílio concentram-se em salvar vidas e propriedade (bens). Em situações pós-calamidades, o enfoque é em recuperação e reabilitação, incluindo, contudo, o conceito de “reconstruir mas melhor”. Isto implica o início de actividades de RRC durante a recuperação e reabilitação. A mudança de paradigma para conceptualizar a R/GRC como um continuum (deixando de ser por fases) reflecte a realidade que a

transição entre antes, durante e depois da ocorrência de situações de calamidade é fluida, em particular em áreas expostas a ameaças com regularidade. O valor deste quadro é a sua capacidade para promover uma abordagem holística a R/GRC e demonstra a relação entre riscos de ameaças/calamidades e desenvolvimento. Por exemplo, as actividades sobre mitigação e prevenção envolvem uma porção de desenvolvimento, enquanto o auxílio e recuperação envolvem a porção de assistência humanitária, com o estado de preparação ligando ambos os tipos de esforços.

A ligação entre FFS e o fortalecimento da resiliência de pessoas e comunidades é que, através das FFS, os agricultores adquirem conhecimentos e experiência sobre boas práticas agrícolas que ajudam a reduzir o impacto de calamidades como cheias, secas, pragas e doenças de plantas e animais o que aumenta a sua produção ou reduz danos e prejuízos na produção. Isto contribui para a segurança alimentar e nutricional das pessoas e, possivelmente, gera um rendimento adicional através da venda de produtos agrícolas. Isto ajuda a fortalecer a resiliência das pessoas e comunidades face a crises a ameaças. Boas práticas de RRC em agricultura são, por exemplo, entre outras, o uso de abrigos para animais elevados, e resistentes a cheias, o uso de sementes de variedades de maturação precoce, etc.

A abordagem das FFS encontra-se bem posicionada para o fortalecimento da difícil ligação entre emergência, reabilitação e desenvolvimento (Ligação entre Auxílio, Reabilitação e Desenvolvimento – LRRD). Acrescenta valor a intervenções de emergência nos estágios de reabilitação, mitigação (vida normal) e preparação. Por exemplo, durante a reabilitação, a FFS acrescenta valor no que respeita à distribuição de insumos agrícolas, assegurando que os agricultores utilizam adequadamente as sementes e ferramentas

ou tomam bem cuidado dos animais distribuídos pelas agências de auxílio.

Tornou-se evidente que estes esforços de reabilitação têm que ser considerados num contexto mais lato de segurança alimentar e de meios de subsistência, assistência às pessoas para restaurarem e assegurarem os seus meios de subsistência e regressarem à sua vida normal.

A abordagem da FFS pode também ser um 'ponto de entrada' para 'reconstruir melhor', melhorando meios de subsistência em relação ao que existia antes da ocorrência da situação de emergência, isto é, a introdução de variedades resistentes a secas irá aumentar a resiliência das comunidades rurais e reduzir os prejuízos em futuras situações de emergência.

A FFS é também considerada útil nos estágios de mitigação e preparação, sobretudo quando as calamidades são fenómenos recorrentes, por exemplo, em áreas propensas a calamidades e/ou áreas extremamente pobres. Neste caso, a FFS pode proporcionar um nível superior de resiliência e recuperação mais rápida em preparação para a emergência seguinte. Uma partilha melhorada por parte da comunidade e uma melhor gestão de recursos naturais, redução de conflitos, capital social melhorado e redes de segurança locais fortalecidas podem fazer muita diferença no que respeita ao aumento da resiliência de comunidades rurais sujeitas a calamidades a fim de melhor poderem enfrentar as ameaças recorrentes.

Criação de ligações para uma prestação holística de serviços

A FFS devia ser utilizada, se possível, como um dos elementos em uma abordagem multisectorial mais ampla no sentido de uma maior

resiliência em zonas rurais sujeitas a calamidades, articulada em torno de intervenções complementares e sinérgicas.

Resultados encorajadores em áreas de elevada vulnerabilidade na região da África oriental demonstraram a existência de ligações altamente sinérgicas entre FFS, Gestão Comunitária de Redução de Riscos de Calamidades (CMDRR) e bancos Comunitários em Aldeias (VICOPA).

Normalmente, a CMDRR constitui o ponto de entrada na comunidade o que permite um processo comunitário mais amplo para reflexão sobre ameaças e calamidades e para o desenvolvimento de um plano de acção comunitário. Os grupos da FFS desempenham então um papel activo, contribuindo para as realizações e progressos destes planos, e assegurando que as actividades de grupo estejam ligadas às prioridades comunitárias.

Ligações adicionais com sistemas locais de poupanças como VICOPA melhoram a habilitação económica dos membros e grupos enquanto a confiança e coesão promovida pela FFS melhora o sucesso do sistema de poupanças.

Desenvolvimento de capacidade

Para a implementação de qualidade da abordagem da FFS, existe a necessidade de se criar um grupo suficiente de Formadores Mestres (MT) e facilitadores para FFS para que se possa manter o processo de FFS no terreno.

- Um Formador Mestre de FFS é uma pessoa com muita experiência e formação na metodologia da FFS e que tenha frequentado um curso de formador mestre, com a duração de uma época agrícola, na tecnologia de FFS.

- O principal papel do MT inclui, entre outras funções:
- Apoiar as actividades da FFS no terreno, sobretudo apoiando os facilitadores no terreno;
 - Gestão de ToF incluindo preparação e acompanhamento no terreno;
 - Monitoramento, avaliação e documentação de experiências;
 - Efectuar trabalho de advocacia para a abordagem;
 - Gestão, concepção e orçamentação de programas de FFS
 - Assistir no desenvolvimento de materiais de formação – inovação de novos exercícios para facilitação de FFS;
 - Explorar oportunidades para FFS;
 - Ser membro activo da rede de FFS; e
 - Ser uma pessoa de recursos gerais no que respeita à abordagem de FFS.

- Um facilitador de FFS é uma pessoa encarregada da responsabilidade quotidiana de facilitar o trabalho de um grupo FFS e tenha frequentado um curso de formação para Formação de Facilitadores (ToF).

Não havendo um número suficiente de MT, ou quando uma FFS seja iniciada num novo país, recomenda-se que sejam formados MT durante o período de uma época agrícola para criação de capacidade nacional ou organizacional para apoiar e orientar intervenções de FFS antes do início das actividades da FFS.

Na concepção do projecto de FFS devia haver um esforço deliberado no sentido de haver um gestor competente do projecto, Formadores Mestres, Supervisores e Facilitadores. Organizações que implementem FFS deviam dispor de um Formador Mestre designado afiliado à organização.

Seleção e formação de facilitadores

É necessário identificar e treinar facilitadores antes do início das actividades de uma FFS. Os facilitadores para FFS são treinados através de um curso formal para Formação de Facilitadores (ToF) desenvolvido e gerido por Formadores Mestres para FFS experientes. Os cursos para treino de facilitadores destinam-se a desenvolver as suas capacidades na abordagem FFS e nas suas competências em geral. Estes cursos variam em duração consoante o grupo alvo e a necessidade de inclusão de tópicos técnicos. Existem vários modelos para os cursos de ToF: Estes cursos variam em duração consoante o grupo alvo e a necessidade de inclusão de tópicos técnicos. Existem vários modelos para a formação de Facilitadores: formação durante toda a época agrícola abrangendo a duração da actividade focal ou

breves cursos de formação. Contudo, quando se realizam cursos de curta duração para Facilitadores e em resultado da experiência na África Oriental, recomenda-se um mínimo de 22 dias de formação na metodologia de FFS (ver o Anexo 1 para uma amostra do programa de ToF). Recomenda-se um mínimo de dois Formadores Mestres na metodologia de FFS para prestarem diariamente formação nos cursos de ToF durante a duração dos cursos. Deviam também ser convidados especialistas técnicos em caso de necessidade.

Recomenda-se um mínimo de 15 e um máximo de 30 participantes em cada curso de Facilitadores a fim de assegurar o máximo de participação em actividades práticas. A maioria dos participantes no curso de ToF devia poder servir como facilitadores reais em FFS encarregados da responsabilidade diária de facilitar as sessões de aprendizagem em grupo. Facilitadores adequados são indivíduos que residam na comunidade local, falem a língua local, tenham um certo nível de competências avançadas,

conhecimentos e experiência em agricultura/criação de gado, e tenham capacidade para partilhar experiências, estabelecer comunicação com outros membros da comunidade e tenham uma personalidade dinâmica e confiante. Idealmente, o ToF devia também contar com a presença de alguns supervisores/coordenadores/gestores em trabalho de extensão no projecto para fazerem o trabalho de supervisão da implementação no terreno e apoiarem os facilitadores treinados. Com frequência são identificados dois (ou mais) facilitadores para gerirem uma FFS como equipa. O curso de formação de facilitadores devia também ser complementado por sessões de actualização e apoio no local de trabalho durante a implementação da FFS. É importante notar que um curso de formação de facilitadores não é suficiente para qualificar um indivíduo para gerir um curso subsequente de facilitadores porque é necessário um curso de Formador Mestre (MTC) para capacitar um indivíduo para poder gerir um Curso de Formação de Facilitadores.



Entrada da Comunidade

FFS destinadas a RRC e Adaptação a Mudança Climática (CCA) são estabelecidas seguindo um padrão de captação que reconheça o facto de, em áreas sujeitas a ameaças, toda a comunidade ser afectada em caso de certos desastres como cheias, ciclones, secas, etc.

O envolvimento da comunidade começa, portanto, com um diagnóstico do problema através de avaliações de riscos de calamidades participativas (PDRA) realizadas com as comunidades em cada área de captação (bacia hidrográfica) onde os grupos FFS serão estabelecidos. O processo de PDRA envolve uma análise sistemática das tendências para desastres com a passagem do tempo; elaborando o perfil e características dos perigos recorrentes; identificação da vulnerabilidade em termos de seres humanos, bens produtivos e serviços essenciais bem como das capacidades existentes.

Com base nos resultados do exercício são elaborados planos de acção/adaptação comunitários (CAP) definindo possíveis medidas para aumentar a resiliência das comunidades rurais e minimizar os efeitos dos desastres a quando da sua ocorrência.

Os grupos das respectivas FFS numa determinada bacia hidrográfica extraem os aspectos específicos relevantes em torno dos quais o currículo e as actividades no terreno se irão basear. Estes passam a ser os planos de acção dos grupos da FFS, os quais servem igualmente como base local em relação à qual a FFS e a comunidade podem progressivamente realiza auto-avaliações.

As actividades deviam ter início pelo menos dois meses antes da data planeada para o início da FFS. Outros passos recomendados para esta actividade incluem os seguintes:

i) **Realização de uma reunião para divulgação:** É necessária uma reunião com a comunidade para introduzir o conceito da FFS em áreas onde os conhecimentos relativos a esta abordagem sejam insuficientes. O facilitador tem que assegurar-se que os membros da comunidade compreendem claramente aquilo que podem esperar da FFS. Os participantes e o facilitador podem então discutir como avançar para o planeamento da implementação da FFS.

ii) **Identificação e selecção dos participantes:** Através de consultas junto da comunidade e com o apoio dos líderes locais deviam ser identificados 30 a 40 participantes (os grupos tendem a diminuir para 25–30 após as primeiras sessões devido à quantidade de trabalho dos agricultores, expectativas erradas, etc.). Durante o processo de identificação, o facilitador tem que das relações entre géneros e práticas culturais no seio da comunidade. Contudo, o grupo devia incluir uma mistura de homens, mulheres, jovens e idosos de um grupo de aldeias.

Estabelecimento de um currículo para aprendizagem

Após o estabelecimento do grupo da FFS, o facilitador elabora o programa (isto é, o currículo para a FFS baseado na actividade focal – empreendimento de aprendizagem da FFS) e identifica as lacunas. Devia ser despendido tempo suficiente na identificação do foco da FFS a fim de evitar envolver os agricultores em actividades em que não estejam interessados. A selecção da actividade da FFS depende inteiramente das necessidades e interesses das populações locais. Por exemplo, plantar uma variedade resistente a secas, introduzir uma variedade de semente de milho, mapira e mexoeira de maturação precoce, etc.



Em colaboração com o grupo, o facilitador decide quais as actividades que têm que ser implementadas para explorar melhor os problemas, testar as soluções e identificar o tipo de assistência exterior necessária. As actividades chave para facilitar a aprendizagem na FFS são a AESA, experiências comparativas no terreno e tópicos do dia onde têm lugar as discussões em grupo e exercícios de aprendizagem de curto e médio prazo.

Tem que ser elaborado e divulgado a todos um currículo definindo a época da FFS e assinalando as datas das reuniões e os tópicos para discussão.

Apoio à Implementação

Orçamento e doações para aprendizagem do projecto FFS

Qualquer programa de FFS devia atribuir recursos suficientes para implementação no terreno, pessoal, apoio para MT, Formação de Facilitadores (ToF), realização de análises, realização de visitas comunitárias de intercâmbio, eventos para graduação, monitoramento e avaliação (M&E), elaboração de materiais e adaptação ao contexto local dos materiais de formação existentes.

É preferível o financiamento directo das actividades dos grupos de FFS, em vez de apoio em espécie, a fim de fortalecer o sentido de apropriação e desenvolver competências de gestão financeira no contexto do grupo. Qualquer que seja a forma de financiamento do grupo, esta devia incluir um elemento de partilha de custos por parte do grupo.

A experiência tem demonstrado que, através do sistema de doações, os grupos sentem um elevado nível de apropriação do processo da escola de campo e muitas destas beneficiam de

co-financiamento suplementar para as suas actividades, contributos materiais proporcionados pela comunidade e participantes e uma capacidade crescente para gerirem fundos e actividades por si próprios.

O processo para pedido e gestão de concessões (elaboração de planos de trabalho, orçamentos, organização de terras, pagamento aos facilitadores e gestão de fundos) permite que os grupos se organizem para continuarem com as suas actividades por si próprios.

Presentemente, concessões para ensino de grupos das FFS variam entre USD 400–800 dependendo da actividade/empreendimento focal e da sua duração.

O custo da FFS será mais elevado no início de um programa, ou seja, no primeiro ano, e nos anos seguintes, após o estabelecimento da fundação inicial, os custos serão muito mais baixos. O custo de uma FFS está muito relacionado com o seu contexto, embora no exemplo da região da África Austral, para uma intervenção envolvendo um curso de ToF para 30 participantes e a gestão de 20 grupos de FFS ao longo de uma época pode ser como se indica a seguir:

Tabela 2: Custos indicativos para o estabelecimento de uma FFS na África Austral

Ítem	Custo Indicativo cost US\$
Curso de formação para facilitadores	25 000
Comparticipação da comunidade e início	10 000
Concessões para aprendizagem em Grupos @ 800/grupo	16 000
Facilitador para reuniões regulares	10 000
Supervisão/apoio técnico//M&E	15 000
TOTAL:	56 000

Custo indicativo por Grupo USD 2 800



Monitoramento e avaliação

Projectos e programas de FFS deviam incluir estudos de base abrangentes na sua concepção a fim de ajudar a avaliar o impacto de uma FFS através de comparações entre os conhecimentos e práticas existentes antes do início de uma FFS e após a sua implementação. O projecto/programa de FFS devia incluir um Sistema de Monitoramento e Avaliação incluindo instrumentos e exercícios participativos para M&A como mapas e esboços, teatro e desempenho de papéis, fotos, caminhadas para a realização de transectos, empilhamento

proporcional, matriz ilustrada de auto-avaliação, matriz para pontuação/classificação e roda de avaliação ou teia de aranha. A equipa do programa FFS tem que efectuar continuamente a documentação e disseminação de boas práticas e histórias de sucesso.

Avaliações de impacto participativas deviam ter lugar no final do projecto e os resultados deviam ser disseminados para se compreenderem os conhecimentos, a compreensão e competências que os participantes na FFS e comunidades adquiriram, permitindo assim que as necessidades ainda existentes sejam identificadas e abordadas durante sessões de acompanhamento.



Apoio Técnico

A fim de assegurar a qualidade das actividades de campo, o ToF devia ser acompanhado por apoio técnico e subsequente relativo a aspectos específicos ligados às actividades implementadas e assistência no trabalho aos facilitadores treinados por parte dos Formadores Mestres e/ou especialistas em FFS, particularmente no início, durante e na parte final de uma FFS e/ou quando seja constatada a necessidade.

Redes de aprendizagem

Quando existam várias FFS numa região deve ser encorajado o estabelecimento de redes de FFS. Estas redes podem ajudar à consciencialização no contexto do sector privado de que pode resultar uma maior e prolongada colaboração e coordenação de actores e actividades de mercado para possível benefício dos agricultores participantes e outros agricultores na comunidade.

Um ou dois dias de campo da FFS deviam ter lugar durante a implementação da FFS. Dias de campo proporcionam uma oportunidade para os não-participantes e para a comunidade em geral serem expostos às lições do grupo e às competências e conhecimentos adquiridos ao longo do processo. Para além disto proporcionam aos membros da FFS uma oportunidade para mostrarem e partilharem as suas experiências como, por exemplo, resultados de experiências e actividades de aprendizagem, incluindo a dinâmica de grupo. Os dias de campo reforçam igualmente a coesão da FFS e sensibilizam a comunidade, o governo e outras organizações existentes na área, criando assim apoio e maior procura para FFS.

Visitas de intercâmbio deviam igualmente ser encorajadas. Estas visitas de intercâmbio são passeios educacionais a outra FFS, instituição agrícola ou comunidades inovadoras. Elas encorajam os membros da FFS a compararem as actividades de outros grupos com as suas e a partilhar tecnologias testadas e inovações únicas.

Assegurando mecanismos de saída

Todas as FFS deviam assegurar o estabelecimento de um plano de continuidade. Após a graduação, os grupos de FFS deviam ser encorajados a continuarem com actividades de sua escolha. Podem decidir continuar com a escola de campo por mais uma época, talvez estudar outro tópico e, por este motivo, deviam ser assistidas com visitas de acompanhamento regulares e apoio técnico. Uma forma eficaz para assegurar a sustentabilidade é encorajar a comunicação entre FFS através de reuniões regulares e da criação de mecanismos para troca de ideias.

No contexto da RRC, a criação de actividades para geração de rendimento e diversificação dos meios de subsistência por parte de indivíduos e grupos devia ser encorajada, tal como deviam ser encorajadas parcerias público-privadas para ajudarem a fortalecer a resiliência de comunidades vulneráveis. As FFS deviam também ser encorajadas a estabelecerem ligação com outros sistemas como micro doações ou o acesso a crédito.

4. Experiências de FFS

A Experiência de África

A abordagem de FFS foi introduzida em África em 1995, no Quênia (África Oriental) e no Ghana (África Ocidental), e, posteriormente, espalhou-se rapidamente por todo o continente.

O foco destas FFS era em Produção Integrada e Gestão de Pragas (IPPM) devido aos relativamente baixos níveis de produção e uso de pesticidas. A introdução da abordagem de FFS em África exigiu uma variedade de adaptações e modificações em relação à abordagem inicial a fim de a tornar aplicável aos sistemas específicos de agricultura na região, com a sua grande diversidade onde as

pragas não constituem necessariamente os maiores problemas para a produção. O contexto Africano também proporcionou desafios específicos, diferentes dos da Ásia, tais como longas distâncias entre comunidades de agricultores, financiamento nacional limitado para serviços públicos de extensão, diversos tipos de pequenas terras agrícolas e condições atmosféricas altamente imprevisíveis com secas frequentes.

Na sequência do sucesso do programa IPPM, foram iniciadas no continente várias novas iniciativas de FFS, tendo a abordagem sido alargada a novos empreendimentos e tópicos de estudo. As adaptações feitas à abordagem incluem, entre outras:



Tabela 3: Perspectiva geral da implementação de FFS em África (1995–2011)

País	Ano de Início
Ghana	1995
Quênia	1995
Mali	1997
Tanzânia	1997
Zimbabwe	1997
Etiópia	1999
Uganda	1999
Zâmbia	1999
Senegal	2000
Benin	2001
Burkina Faso	2001
Malawi	2001
Moçambique	2001
Niger	2001
Nigéria	2001
RDC	2002
Cameroon	2003
Sierra Leone	2003
Suazilândia	2003
Gâmbia	2004
Namíbia	2004
Sudão do Sul	2004
Togo	2004
Angola	2005
Rwanda	2005
Somália	2006
Burundi	2009
Central African Republic	2011



- Livestock FFS, no Quênia que adaptou a abordagem a questões de saúde animal e produção de pequenos produtores de leite;
- Escolas de Campo para Silvicultura (*Farm Forestry Field schools*) (FFFS) no Quênia, Etiópia e Niger concentrando-se em silvicultura;
- Escolas de Campo e Vida para Agricultores (*Farmer Field and Life schools*) (FFLS) no Quênia, Uganda, Moçambique, Namíbia, Zâmbia, Zimbabwe, Rwanda, Burundi, RDC e República Centro Africana, concentrando-se numa variedade de competências para a vida e aspectos de desenvolvimento de confiança juntamente com formação agrícola. Quando estas actividades têm lugar junto de jovens vulneráveis a abordagem é chamada Junior-FFLS (JFFLS);
- Escolas de Campo Agro-pastoris (APFS) no Quênia, Uganda, Etiópia e Niger, concentrando-se em questões de criação de gado e meio ambiente natural;
- FFS para Agricultura de Conservação (CA-FFS) no Quênia, Uganda, Zimbabwe, Zâmbia etc;
- FFS para Gestão do solo e água, no Zimbabwe, Zâmbia, Madagáscar, Uganda, Quênia, Tanzânia, Rwanda, RDC, Bukina Faso, Mali, Senegal, Togo, Niger, Lesotho, etc., concentrando-se no tratamento do solo, agricultura de conservação com tamanho de terras mínimo, conservação do solo, captação de água e gestão da humidade em sistemas de sequeiro;
- Escolas para Agricultores Produtores de Sementes (SFS), na Etiópia, concentrando-se na promoção de sementes de qualidade para pequenos agricultores;
- auto-subsistência de comunidades de refugiados no Uganda e recuperação e
- reabilitação pós emergências em comunidades previamente desalojadas internamente no Uganda.

Igualmente em África, as FFS passaram a ser a fundação de programas para segurança alimentar baseados no terreno e estão a assumir um novo papel.

FFS têm sido implementadas por uma grande variedade de instituições em África, incluindo a FAO, DANIDA, sistemas nacionais de pesquisa agrícola (NARS), centros da CGAIR como o Centro Nacional da Batata (CIP) e ICIPE, universidades, muitos governos nacionais e numerosas organizações não-governamentais (ONG).

Experiências na África Austral

Na região da África Austral, as maiores experiências de FFS encontram-se no Zimbabwe e em Moçambique. As FFS foram primeiro introduzidas no Zimbabwe em 1997 pela FAO no âmbito de um programa de cooperação técnica cujo foco principal era produção integrada e gestão de pragas para pequenos produtores de algodão em áreas comunais de realojamento no Zimbabwe. Depois disto apareceram adaptações do projecto inicial, incluindo FFS para algodão orgânico, gestão de terras e água, gestão integrada de solos, água e nutrientes, alimentação para gado durante a estação seca, avicultura e agro-indústrias, bem como actividades piloto de JFFLS.

Em Moçambique, a FFS foi introduzida pela FAO em 2001 através de um Projecto de Cooperação Sul-Sul, na província da Zambézia. Na sequência do seu sucesso, as actividades das FFS foram alargadas através de dois projectos principais: 1) PAN II, Programa Nacional para Segurança Alimentar, que facilitou o estabelecimento de FFS em 12 distritos em três províncias, entre 2004 e 2008.

O programa destinava-se a institucionalizar a abordagem das FFS no sistema de extensão do governo a fim de aumentar o impacto

do trabalho de extensão na segurança alimentar e produtividade agrícola entre agregados familiares pobres e, em especial, mulheres, e 2) programa de Expansão de Escolas de Campo para Agricultores na África Oriental e Austral, projecto que decorreu entre 2005 e 2008. Moçambique tem também estado a liderar a abordagem de JFFLS em África desde 2003, com vários amuais elaborados com base, em grande medida, nas experiências de Moçambique.

Outros países com experiência em FFS incluem a Zâmbia, o Malawi, Angola, o Lesotho e a Suazilândia. Na Zâmbia e no Malawi foram implementadas FFS e FFLS sobre IPPM e Gestão de Terras e Águas. No

Malawi foram também realizadas FFS para vários tópicos relacionados com a segurança alimentar e agricultura sustentável.

Em Angola, a abordagem foi introduzida pelo Danish Refugee Council (DRC) (Conselho Dinamarquês para Refugiados) em 2005, nas províncias do Uíge e Malanje, no norte de Angola, para apoiar o desenvolvimento sustentável entre agricultores realojados. Após isto, a FAO integrou as FFS nas SPFS no Bié e em Huambo, entre 2006 e 2012. Presentemente, a FAO está a implementar o componente de FFS num projecto financiado pelo Banco Mundial (MOSAP) que funciona em Bié, Huambo e Malanje. Alguns projectos GEF estão em vias de desenvolvimento e irão incluir componentes de FFS.



5. Conclusão

A FAO e outros intervenientes nos sectores da agricultura, segurança alimentar e RRC têm estado a trabalhar com governos da África Austral e noutras regiões para promoverem o uso da abordagem de FFS para melhoramento das tecnologias agrícolas para maior resiliência. A importância que esta abordagem atribui a coesão e comunicação efectiva é essencial para o estabelecimento de sistemas

de alerta prévio que podem melhorar o conhecimento de ameaças e perigos próximos ou iminentes e para aumentar as redes de segurança para melhor serem enfrentados os impactos negativos de calamidades. Estas considerações podem ajudar as comunidades e agregados familiares afectados a voltarem à normalidade ou até a uma situação melhor durante a sua recuperação dos efeitos de uma calamidade.



6. Bibliografia e Referências para Leitura Adicional

FAO. 2007. Getting started: Running a junior farmer field and life school (<http://www.fao.org/docrep/010/a1111e/a1111e00.htm>).

FAO. 2010a. Child labour prevention in agriculture: Junior Farmer Field and Life Schools – Facilitator’s Guide (<http://www.fao.org/docrep/013/i1897e/i1897e.pdf>).

FAO. 2010b. Land and property rights: Junior Farmer Field and Life Schools – Facilitator’s Guide (<http://www.fao.org/docrep/013/i1896e/i1896e.pdf>).

FAO. 2013. Cassava farmer field schools: Resource material for facilitators in sub-Saharan Africa. Rome.

FAO & FFS-PS. (forthcoming). Pastoralist field schools training of facilitator’s manual. ECHO-, EC- and SDC-funded interventions in the Horn of Africa.

FAO/IIRR. 2006. Discovery-based learning on land and water management: A practical guide for farmer field schools. Rome.

FAO, JICA & KFS. 2011. Farmer field school implementation guide: Farm forestry and livelihood development (<http://www.fao.org/docrep/016/i2561e/i2561e00.pdf>).

FAO & VSF Belgium. 2009. Pastoralist field schools: Guidelines for facilitation. ECHO-funded Regional Drought Preparedness Project. Rome, FAO and Nairobi, Vétérinaires Sans Frontières Belgium.

Groeneweg, K., Buyu, G., Romney, D. & Minjauw, B. 2006. Livestock farmer field schools: Guidelines for facilitation and technical manual. Nairobi, International Livestock Research Centre.

Hughes, O. & Venema, J.H. (eds). 2005. Integrated soil, water and nutrient management in semi-arid Zimbabwe. Vol. 1. Farmer Field Schools Facilitators’ Manual. Harare.

ICIPE. 2007. Push-pull curriculum for farmer field schools. Nairobi, International Centre of Insect Physiology and Ecology.

Khisa, G.S. 2004. Farmers field school methodology: Training of trainers manual. Nairobi.

Khisa, G.S. 2008. A reference manual for training farmers in farmer field school. FAO Kenya.

Okoth, J.R., Nalyongo, W. & Bonte, A. 2010. Facilitators’ guide for running a farmer field school: An adaptation for a post emergency recovery programme. Uganda.

Stathers, T., Namanda, S., Mwanga, R.O.M., Khisa, G. & Kapinga, R. 2005. Manual for sweet potato integrated production and pest management: Farmer field schools in sub-Saharan Africa. Kampala, International Potato Center.

Anexo

Plano para Doze dias de Formação para uma Escola de Campo para Agricultores

Notas:

TOF para durar 22 dias de formação.

O programa de formação pode ter lugar continuamente ou ser dividido em duas fases (Fase 1: 12 dias e Fase 2: 10 dias)

As sessões diárias foram programadas para sete horas/dia

As horas do início e do fim do dia dependem da situação local.

Fase 1: 12 dias

Semana 1

Dia	Sessão	Duração	Tópico	Descrição do tópico
Dia 1	1	2 hrs	Abertura oficial do curso e definição do Clima.	Discurso de boas-vindas. Discursos dos convidados e Abertura Oficial Apresentações mútuas. Nivelamento de expectativas Objectivos e programa do curso e perspectiva sobre o conteúdo Formação do grupo de acolhimento e partilha de responsabilidades Normas para a formação
	2	2 hrs	Perspectiva da Produção Agrícola	Perspectiva geral da produção agrícola na região/país
	3	1 hr	Descrição de FFS	Origem das FFS O que é e porquê FFS Papel da FFS em extensão
	4	1 hr	Princípios da FFS	Princípios de FFS e sua aplicação
	5	2 hrs (1 hr no dia 1 & 1 hr no dia 2)	Aprendizagem de adultos	Características do ensino de adultos Aprendizagem e ensino de adultos Princípios do ensino de adultos Aplicação dos princípios de ensino de adultos no contexto de FFS



Dia 2	5		Cont. da Aprendizagem de adultos	
	6	2 hrs	Competências para comunicação	O que é e porquê a comunicação em FFS? Elementos/processo de comunicação Barreiras de comunicação Uso de uma linguagem não verbal apropriada para comunicação
	7	3 hrs	Aprendizagem empírica & aprendizagem baseada em descobertas	Conceitos de aprendizagem empírica Fases da aprendizagem empírica Aplicação da aprendizagem empírica em FFS Conceito de o que é isto? O que é aquilo?
	8	2 hrs (1 hr no dia 2 & 1 hr no dia 3)	Técnicas de formação participativa	Técnicas de formação participativa comuns Aplicação de algumas das técnicas de formação participativa
Dia 3	8		Continuação de Técnicas de formação participativa	
	9	2 hrs	Competências para Facilitação para facilitadores em FFS	Facilitação sobre o que é e porquê Boas qualidades de um facilitador Papel do facilitador Competências para comunicação verbal e não verbal
	10	2 hrs	Facilitação, discussão aberta	Técnicas de facilitação Como dirigir discussões abertas
	11	2 hrs	Apoios Visuais	O que são apoios visuais e por que são utilizados Uso de apoios visuais Directivas para a elaboração de apoios visuais
Dia 4	12	2 hrs	Avaliação da aprendizagem	Necessidade de avaliação de sessões de aprendizagem Métodos para avaliação de sessões de aprendizagem
	13	5 hrs	Instrumentos e técnicas para PRA	Quais e Porquê instrumentos e técnicas participativas de PRA? Instrumentos e técnicas participativas dos instrumentos PRA
Dia 5	14	7 hrs	Visita/prática de grupo da FFS	Perspectiva de uma sessão de aprendizagem em FFS Comentários sobre uma visita ao campo



Dia 6	15	7 hrs	Passos na implementação da FFS	Fase preparatória Fase de implementação Fase pós-graduação
Semana 2				
Dia 7	16	30 min	Introdução às actividades nucleares da FFS	Actividades nucleares da FFS
	17	7 hrs	Actividade nuclear 1 da FFS: Experimentação em FFS	O quê e porquê experimentação em FFS Princípios de experimentação em FFS Tipos de experiências em FFS Passos em experimentação na FFS Desenvolvimento de amostras de experiências a nível de FFS.
Dia 8	18	7 hrs	Actividade nuclear 2 da FFS: AESA	Conceito de ecossistema O que é e porquê AESA Passos na realização de AESA Desenvolvimento de amostras de formatos de AESA
Dia 9	19	1,5 hrs	Actividade nuclear 3 da FFS: Tópico do dia	O que é e porquê o tópico do dia Como identificar o tópico do dia Como apresentar o tópico do dia Exemplos de amostras
	20	1,5 hrs	Actividade nuclear 4 da FFS : Dinâmica e grupo	O que é e porquê a dinâmica de grupo Objectivo da dinâmica de grupo Categorias de dinâmicas e grupo Pontos a observar no uso de dinâmica de grupo
	21	7 hrs (4 hrs no dia 9 e 3 hrs no dia 10)	Actividade nuclear 5 da FFS: PM&E	Porquê monitorizar a avaliar Definição de meta Seleccionar o que monitorizar Desenvolvimento de um plano de monitoramento Escolha de um método para recolher informação Amostras de instrumentos: roda de avaliação e mapeamento da aldeia
Dia 10	21	Continuação de PM&E		
	22	7 hrs (4 hrs no dia 10 e 3 hrs no dia 12)	Elaboração do programa de aprendizagem da FFS	O que é e porquê um programa de aprendizagem Passos e processo para elaboração do programa de aprendizagem



Dia 11	23	7 hrs	Visita/prática de grupo da FFS	Análise da situação usando instrumentos PRA Comentários sobre uma visita ao campo
Dia 12	22		Continuação da elaboração do programa de aprendizagem da FFS	
	24	2 hrs	Desenvolvimento de espírito de equipa	Diferença entre equipa e grupo Estágios do crescimento de uma equipa Papel de um facilitador no desenvolvimento de espírito de equipa Como desenvolver uma equipa de sucesso Problemas comuns em equipas Exercícios para desenvolvimento de espírito de equipa
	25	2 hrs	Encerramento da Fase I da Formação	Fase 1, avaliação Tarefas para levar para casa Comentários de encerramento

Fase 2: 10 dias

Semana 3				
Dia 13	26	1 hr	Definição do clima	Discurso de boas-vindas Recapitulação da Fase 1
	27	4 hrs	Gestão e liderança do Grupo FFS	Desenvolvimento de uma Constituição para a FFS Liderança para a FFS Registos da FFS Mobilização de recursos para FFS
	28	2 hrs	Gestão de conflitos e edificação de paz	O que é conflito Causas de conflito Tipos de conflito Resultados de um conflito Estágios e dinâmica de conflitos Transformação de Conflitos e edificação da paz Funções e positivos de conflitos
Dia 14	29	7 hrs	Competências empresariais	Introdução à agricultura como negócio Seleção da empresa comercial de FFS Análise da Vantagem de Empresas FFS Orçamento e planeamento da Empresa Comercial de FFS



Dia 15	30	7 hrs	Gestão de recursos naturais	O que são recursos naturais Classificação de recursos naturais O que é a gestão de recursos naturais Regimes de propriedade em NRM Análise de intervenientes NRM Importância da gestão de recursos naturais
Dia 16	31	7 hrs	Produção de culturas	Produção Integrada e Gestão de Pragas Práticas agrícolas adequadas Boas práticas agrícolas para culturas seleccionadas
Dia 17	32	7 hrs	Visita/prática do Grupo FFS	Prática em facilitação de sessões. Comentários sobre visita ao terreno
Dia 18	33	3 hrs	Continuação de produção de culturas	
	34	4 hrs	VIH e SIDA	O que é o VIH e a SIDA? Formas de transmissão do VIH, formas pelas quais o VIH não é transmitido e protecção contra a SIDA. Caminho do VIH e SIDA Compreendendo a dinâmica da doença em comunidades rurais
Semana 4				
Dia 19	35	4 hrs	Género em FFS	O que é o Género Papéis dos Géneros Aspectos socioculturais Análise dos géneros Indicadores de Género na FFS Tipos de GBV
	36	3 hrs	Nutrição humana	Factos básicos sobre nutrição Definições e grupos de alimentos, Diversificação da dieta Manuseamento e conservação de alimentos Nutrição e o VIH SIDA



Dia 20	37	14 hrs	CMDRR	Construir um calendário sazonal Identificar as ameaças no seio de uma comunidade Como é que uma calamidade afecta a minha vida Compreensão da vulnerabilidade de uma comunidade Avaliação da capacidade Mitigação de calamidades
Dia 21	37		Continuação de CMDRR	
Dia 22	38	2 hrs	Planeamento de acção	
	39	1 hr	Avaliação do curso	
	40	2 hrs	Graduação e encerramento oficial	Discursos de encerramento Atribuição de certificados





Financiado pelo:



Ajuda Humanitária
e Protecção Civil

Coordenador:



ISBN 978-92-5-008328-5



9 789250 083285

I3766P/1/05.14